

Em busca de uma atuação para sensibilização em Ecologia Integral

DOMINGOS SÁVIO DE ALMEIDA CORDEIRO*

JOÃO BATISTA DE ALBUQUERQUE FIGUEIREDO**

RESUMO: Este artigo se debruça em trazer contribuições para a construção de conteúdos educativos ambientais para a educação escolar básica tendo como pressuposto a ecologia integral e utilizando-se das memórias de lideranças rurais cearenses e nordestinas brasileiras em suas formas de atuação coletivas. Discute-se a importância dos conhecimentos tradicionais e populares como contra-hegemônicos e da presença de mestres populares (Padre Ibiapina, Padre Cícero, Monge João Maria, Beato José Lourenço e Beata Maria de Araújo) que defendiam a convivialidade, uma relação menos predatória com a natureza e uma vida melhor para o povo.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Práticas Educativas; Interculturalidade; Memória Social; Sustentabilidade.

In search of an action for a sensitization in Integral Ecology

ABSTRACT: This article focuses on contributing to the construction of environmental education contents for basic school education based on the assumption of integral ecology and using the memories of rural leaders from Ceará and Northeastern Brazil in their collective actions. The importance of traditional and popular knowledge as counter-hegemonic and of the presence of popular masters (Father Ibiapina, Father Cícero, Monk João Maria, Pious José Lourenço and Pios Maria de Araújo), who defend the conviviality, a less predatory relation with nature and a better life for the people.

Key Words: Environmental Education; Educational Practices; Interculturality; Social Memory; Sustainability.



* **DOMINGOS SÁVIO DE ALMEIDA CORDEIRO** é Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará com sanduíche no Instituto de Ciências Sociais – ICS, na Universidade de Lisboa; professor associado da Universidade Regional do Cariri - Ceará.



** **JOÃO BATISTA DE ALBUQUERQUE FIGUEIREDO** é professor pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, professor associado do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da UFC; Pós-Doutor em em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.



Foto: Resistência de Juazeiro na guerra de 1914. Acervo dos autores.

Introdução

Entre discursos místicos e científicos, não é de hoje que o “fim do mundo” está acontecendo. A prédica dos personagens milenaristas que inspiraram os movimentos sociais no campo no Brasil, entre meados do século XIX e meados do século XX tem sido evidenciada em pesquisas recentes por cientistas sociais, historiadores, biólogos, naturalistas entre outros.

Situações desastrosas em termos sociais e ambientais geradas pela matriz desenvolvimentista ocidental tornaram problemas sociais circunscritos a contextos específicos, em problemas globais. Entre os quais se destacam a alta concentração de renda e consequente ampliação da miséria, o domínio da mídia global por corporações e grupos religiosos e consequentes processos abrangentes de alienação das pessoas em relação a si e a seu meio, a superpopulação de uma única espécie vegetal em vastos territórios, com fins meramente mercadológicos, e consequente destruição do meio ambiente e extinção de inúmeras espécies dos ecossistemas vivos.

Há uma noção presente nos estudos ambientalistas que para além da ideia de dependência da humanidade em relação ao meio ambiente, o humano faz parte

da totalidade nomeada natureza, de maneira que quando a sociedade segue destruindo ecossistemas ela está se autodestruindo. Além disso, indivíduos são expressão de grupos e expressão de todo o ambiente. Esta compreensão leva a refletir em uma ecologia integral tanto pela valorização da vida em todas as suas formas, como pela reconexão consigo mesmo como expressão de uma totalidade maior. Mas como sistematizar conteúdos educativos ambientais para a atuação de docentes e discentes da Educação Básica que digam respeito à formação social a que eles pertencem? Como resgatar ensinamentos ecológicos autóctones, incentivando o zelo pelo ambiente natural e pelo habitat humano em igual patamar, tendo em conta a equidade nas interações grupais e, por extensão, na sociedade? Que conteúdos de “raiz” poderíamos sistematizar em práticas educativas ambientais voltadas para o bem-estar coletivo e para a sustentabilidade humana e ambiental?

Considerando que há circunstâncias de saberes específicos em cada contexto histórico que podem servir de marco referencial ou inspiração para a atuação no momento atual, esse texto pretende contribuir para o avanço das reflexões no âmbito da educação ambiental, enfatizando o resgate memorial de figuras referenciais na cultura e

sociedade cearense e nordestina brasileira em suas formas de atuação coletivas.¹ Trata-se de reconstituição da memória de atuação de lideranças rurais, visando à disseminação da reflexão sobre a necessidade de se incorporar termos de referência e a história de personagens que contribuíram para a educação ambiental de maneira autóctone e cujos exemplos são inspiradores aos conteúdos estudados nas escolas do Ensino Médio. Materiais assim podem, esperançosamente, contribuir exemplarmente na construção e fortalecimento do pensamento de comunidades a partir da recuperação memorial.

Comumente, a memória coletiva e social de saberes são considerados pela sociedade hegemônica como “não-conhecimento”. Ela está presente na memória dos sábios e dos idosos, e na filosofia e cosmologia cujas raízes se encontram na ancestralidade, na natureza e na vida cotidiana (WALSH, 2007, p. 132).

Os quadros na memória resultam de práticas sociais, individuais ou coletivas, interações ou experiências grupais. Nessas relações, as referências memoriais marcam o tempo, falam de figuras, entes, coisas de sociedades visíveis e invisíveis. Quando se pensa na memória como uma produção individual, ou elaboração de grupos, pode-se considerar que não nos relacionamos voluntariamente com quem não queremos, assim como não

vamos habitualmente a lugares que não queremos, mas vamos a lugares e nos relacionamos com outras pessoas porque precisamos ir e precisamos estar em lugares por motivos diversos, que de alguma forma nos afirmam espaços e personagens que constituem a memória coletiva, de maneira que tal memória sempre tem um quê de valioso por mostrar formas e razões para viver (CORDEIRO, 2011, p. 34 e 163).

A memória local como parâmetro de atuação intercultural

Produzir dados e encontrar inspiração na memória local que traga parâmetros de atuação intercultural apropriados ao contexto atual é um grande desafio. Há toda sorte de estigmas intelectuais e preconceitos culturais que embarreiram esforços a partir das disciplinas e conteúdos na formação docente que tem entre suas premissas epistemológicas a matriz colonial de classificação das formas de conhecimento.

A colonialidade se consolidou, com a invasão das Américas, na definição das populações tradicionais como seres sem almas, portanto, não-humanos, sub-humanos ou potencialmente humanos e que necessitavam do aval europeu para se tornarem humanos, em geral por meio da evangelização e da submissão aos valores e desígnios dos europeus. Assim se instituiu o poder central, homogeneizador e o modelo de sociedade que se diz culta, civilizada e desenvolvida como germen da modernidade, do capitalismo, das formas de conhecimento validadas e rituais sociais cotidianos culturalmente reconhecidos e aceitos (FIGUEIREDO; SILVA, 2012).

As formas de conhecimento de matriz colonial comumente classificam a experiência humana em ciência, filosofia, teologia e senso comum. As

¹ Especificamente as memórias e narrações que aqui abordam as comunidades criadas pelo Beato José Lourenço em Crato, CE e Exú, PE, e sobre o Padre Cícero em Juazeiro do Norte – CE provem de pesquisas orais por meio de entrevistas a remanescentes e contemporâneos realizadas por Cordeiro durante as décadas de 1980 a 2000 e foram compiladas de parte do seu acervo.

tensões decorrentes dessa classificação têm sido sempre altamente visíveis, mas a sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma destas formas de conhecer (SANTOS, 2009).

Há critérios de verdade para as três primeiras e são englobados como senso comum todos os conhecimentos considerados incomensuráveis ou incompreensíveis por não corresponderem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos filosóficos e teológicos. Tratam-se, portanto, dos conhecimentos tradicionais, populares, memoriais, causos e contos, caipiras, matutos ou indígenas que são considerados como conhecimentos irrelevantes ou desconsiderados por estarem fora desse enquadramento na lógica epistemológica das distinções científicas entre verdadeiro e falso, ou das verdades admitidas pela filosofia e pela teologia que constituem as outras formas de conhecimento aceitáveis pela ciência moderna.

Abordando a necessidade de um novo paradigma para compreensão das expressões do conhecimento, Santos (1998) sugere que a ciência contra hegemônica sabe que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional, pois que só a composição de todas elas é racional. “A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido a nossa vida” (SANTOS, 1988, p. 55). Em outras palavras, se um dos cânones principais das ciências modernas é a ruptura com os saberes populares e tradicionais, rotulados como senso comum, um novo paradigma por vir faria necessariamente a “ruptura da

ruptura”. Tal conhecimento assim reconhecido é total no sentido que reconstitui os projetos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade. “Um conhecimento desse tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada” (SANTOS, 1988, p. 48).

Anibal Quijano (2000) considera que caso o conceito de modernidade se refira fundamentalmente a ideias de novidade, avanço racional-científico, não há dúvida que é um fenômeno presente em todas as culturas e em todas as eras históricas. A exemplo das chamadas culturas altas, China, Índia, Egito, Grécia, Maya-Azteca etc, que precederam a civilização atual. Portanto seria ridículo considerar aquelas grandes culturas não-europeias tendo como característica definidora portarem uma mentalidade mítica-mágica em oposição à racionalidade e à ciência como características da Europa.

Walsh (2009) considera um primeiro desafio pensar sobre o que, por muitos anos, nos ensinaram: a invisibilização ou desvalor aos saberes populares, autóctones, às tradições, o conhecimento que era considerado desconhecimento, ignorância. A luta é voltar a essa forma de conhecimento, a essa forma de compreender a vida, a compreender nosso próprio conhecimento e inserir em nossos processos educacionais nossa visão de história e nossa visão de conhecimento.

A inspiração ambiental em grandes mestres do povo brasileiro

Os diversos movimentos de trabalhadores rurais no interior do Brasil tiveram a frente, invariavelmente, figuras que atuavam como líderes carismáticos e criavam escolas de

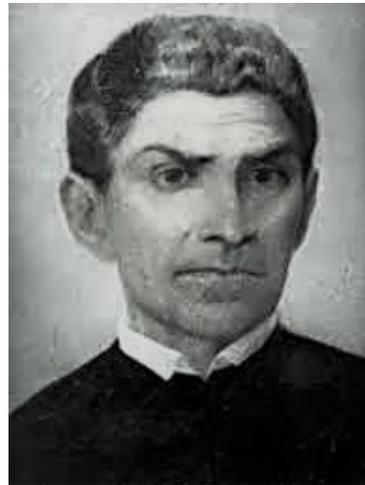
saberes em trânsito. Chamamos de “escola de saberes em trânsito” as ordens fundadas por religiosos leigos, reconhecidos pela população como beatos e que, geralmente, eram tidos pelos seus seguidores como “mestres e santos”. Tais beatos eram líderes carismáticos cujos instrumentos que dispunham para manter a coesão entre seus adeptos derivavam de sua autoridade espiritual, ou seja, da força místico-moral de sua presença, de suas atitudes e de seu discurso, já que o elo com os seus seguidores, como acontece com outras figuras carismáticas, dependia, sobretudo, de eles próprios cumprirem rigorosamente as regras morais que apregoavam em consonância com um comportamento exemplar (CORDEIRO, 2013).

Nos conteúdos relacionados à autoridade beata pelos que são seus narradores, destacam-se as funções de: ensinar, aconselhar, zelar pela comunidade, dar ampla assistência ao povo, prover alimento material e espiritual, transmitir os fundamentos sociais da vida na comunidade e, mais do que se fazer respeitar na sua ascendência, especialmente ser responsável pela condução da multidão que o seguia.

Naqueles movimentos predominavam valores do que atualmente se nomeia por convivialidade, que inclui respeito ao outro e solidariedade. Considera-se atualmente que a convivialidade transcende a educação formal para se inscrever em uma perspectiva mais ampla de reorganização da sociedade e do trabalho em função das necessidades humanas (GAJARDO, 2010). Os movimentos incluíam fundamentos de uma educação ambiental com base em conhecimentos tradicionais, ali presentes nas comunidades organizadas por aqueles líderes e seus adeptos,

embora fossem em sua quase totalidade iletrados. Foram homens e mulheres com origem étnica diversificada, parte deles descendentes diretos de indígenas locais e filho(a)s ou neto(a)s de africano(a)s, que protagonizaram tais movimentos.

No sul do Brasil, destacou-se o grupo do Monge João Maria, que propagava: “planta é quase bicho e bicho é quase gente.” As pessoas deveriam evitar as queimadas, defender as fontes d’água e evitar o maltrato a todo tipo de ser vivo. (MACHADO, 2013). Já no Nordeste, a linhagem dos mestres ou líderes camponeses foi inaugurada pelo Padre Mestre Ibiapina e seus adeptos beatos entre os quais se destacaram Antônio Conselheiro e Padre Cícero.



José Antônio Maria Ibiapina, “Padre Ibiapina” –
Foto: Acervo dos autores

O Padre Mestre Ibiapina, como era chamado, substituiu “o mundo das profecias assombradas pelo realismo da caridade prática” (HOORNAERT, 1981, p. 18). O seu lema era “nada faltará”. Repetindo essas palavras-chave ele ia inculcando na cabeça de seus/suas seguidores/seguidoras, beatas e beatos, a crença de que havia abundância para todos/todas. Bastava trabalhar e dividir os frutos do trabalho que a abundância já estava garantida. Era essa a fórmula

para superar a cultura da escassez e, para promover armistícios entre famílias rivais. Assim, protagonizava ações coletivas em suas andanças nomeadas missões, no interior do miserável sertão nordestino do Séc. XIX. Percorrendo o sertão e vales do Nordeste, ele ensinou técnicas agrícolas, defendeu os direitos dos/das trabalhadores/trabalhadoras rurais e mobilizava as populações para erguer equipamentos sociais: casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas e açudes.

O Padre Mestre Ibiapina incentivou o estabelecimento de ordens religiosas “genuinamente brasileiras” impulsionando o “catolicismo brasileiro” em contraposição a tentativa constante da hierarquia eclesiástica de manter o clero nos termos do “catolicismo romanizado” (DELLA CAVA, 2014). Importante registrar que o processo de “romanização” no final do século XIX, foi imposto por Roma, na forma de uma rígida disciplina eclesiástica e uma burocracia centralizada para a Igreja em nível mundial, de maneira a limitar as práticas de culto e concentrar as referências de adoração dos devotos a entidades autorizadas pela Santa Sé, ou seja, à liturgia e aos santos e santas da Europa, oficializados como tais pela Igreja.

Esses atores e seus adeptos foram benfeitores para milhares de nordestinos desvalidos da proteção do Estado, entregues a sorte dos que nascem em famílias privadas do básico à sobrevivência. Trilhando o mesmo rumo, se constituíram como líderes, mestres e santos do povo camponês brasileiro.

No trabalho social dessa “escola”, tais líderes colocaram em suas atuações tanto o fator humano como o ambiental, embora ainda não estivessem cunhados

na semântica das representações sociais os conceitos de meio ambiente, ecologia biológica, ecologia social, nem o fator humano no que toca a equidade racial ou étnica fossem postos em discussão naqueles contextos.

O Monge João Maria afirmava “quem não sabe ler a natureza é analfabeto de Deus”. O Padre Cícero com seus preceitos ecológicos incentivava o zelo pelo ambiente natural indicando o reflorestamento do sertão – “vamos fazer do sertão uma mata só”. A empatia se fazia prática no preceito humanitário do Padre Cícero: “protege como se fosse a tua própria sombra aquele que te pede ajuda”. O Ibiapina, na sua cruzada épica organizava mutirões para edificar equipamentos sociais de amparo aos mais carentes no Nordeste e professava uma cultura de abundância: “nada faltará”. O modelo de vida grupal coesa e pacífica inaugurado pela comunidade do Caldeirão, era expressa nas palavras do seu líder, Beato José Lourenço, que afirmava “é meu dever trabalhar para o meu próximo, pois que eu mesmo de nada preciso senão da recompensa de Deus.”

Ibiapina e demais, além de conduzir grupos em convivência pacífica, orientavam ações coletivas, prescreviam medicamentos do mato e ensinavam os limites dos bens naturais.



Cícero Romão Batista, “Padre Cícero” – Foto: Acervo dos autores

Padre Cícero tinha um profundo senso ecológico. Nos encontros que promovia, diariamente com seus adeptos, constavam as prescrições em relação ao meio ambiente: 1) Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau; 2) Não toque fogo no roçado nem na caatinga; 3) Não cace mais e deixe os bichos viverem; 4) Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer; 5) Não plante em serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza; 6) Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar a água da chuva; 7) Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta; 8) Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só; 9) Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar você a conviver com a seca; 10) Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer; 11) Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.²

Aquelas pessoas faziam na prática uma ecologia integral. Eram grandes conhecedores da prática das interações humanas, assim como de ciências naturais, dendrologia informal e medicina fitoterápica.

² Recentemente, movimentos de preservação ambiental, a exemplo do Greenpeace (2014) se apropriaram desses preceitos.



Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, “Beata Maria de Araújo” – Foto: Acervo dos autores

Na sua trajetória como líder Padre Cícero teve entre seus adeptos duas pessoas de grande destaque, a Beata Maria de Araújo e o Beato José Lourenço. Ambos negros, pobres e iletrados. A Beata foi a corresponsável juntamente com o Padre Cícero pelo fenômeno que se convencionou chamar “o milagre da hóstia”. Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo era nascida em família humilde, apresentava baixa estatura, mestiça de origem negra e indígena (PAZ, 1998; FORTI, 1999; DUMOULIN, 2017).

O fenômeno nomeado milagre da hóstia ocorrido em uma sexta-feira, dia 1º de março de 1889 mudou a vida da beata, do Padre Cícero e do lugar. Ocorrido várias vezes, acontecia basicamente assim: ao receber a hóstia, numa comunhão dirigida pelo Padre Cícero, a Beata Maria de Araújo não conseguiu engoli-la, porque, a hóstia transformava-se em um líquido vermelho. O líquido vermelho escorria da boca da beata, impregnava os panos e a patena. Posteriormente aquilo foi confirmado como sendo sangue humano por médicos participantes da comissão

de inquisição montada pela Diocese do Crato para examinar a beata e presenciar o fenômeno que se repetiu dezenas de vezes durante cerca de dois anos (FORTI, 1999). A população e parte do clero local divulgou o ocorrido como milagre: a hóstia consagrada se tornara sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo para salvação da humanidade! A partir de então, o lugarejo anônimo transformou-se na segunda maior cidade do Ceará, abrigando um dos movimentos socioreligiosos mais significativos e, certamente, o mais duradouro da história do Brasil.

Ao mesmo tempo uma morte moral em forma de calúnias e difamações foi feita pelo clero sobre a beata. Um dos padres seguidor da romanização, Alencar Peixoto, publicou em livro que Maria de Araújo é “[...] um cruzamento das duas raças mais detestáveis, não pode deixar de ser, em todos os sentidos, uma hibridez horrível. (...) “Quanto à hibridez moral dessa candorça diabólica

a quem se ligara pela lei das moléculas afins e com quem consertara o padre Cícero aquele supersatânico embuste iterativo da hóstia em sangue transformada, quem poderá debuxá-la? (PEIXOTO, 2011, p. 41-42).

Predominava na Igreja uma orientação eurocêntrica a partir da ideia básica publicada em livro pelo Padre Chevalier: “Nosso Senhor não deixa a França para obrar milagres no Brasil” (AZZI, 1990, p.125). A hierarquia religiosa cassou a autoridade institucional do Padre Cícero na tradição católica. Ele foi suspenso das ordens sacerdotais e depois excomungado, mas num ato de resistência simbólica, ele foi eleito santo por seus seguidores, romeiros nordestinos, e passou a assumir o papel semelhante aos beatos, sacerdotes leigos, cujas práticas incluíam organização da comunidade, prédicas, ensinamentos espirituais e laicos de diversas ordens.

Resistência de Juazeiro na guerra de 1914



Foto: Acervo dos autores.

Cassado pela Igreja, criou na política espaço de atuação em prol da sua comunidade. A tentativa de destruí-lo e ao povoado aconteceu posteriormente pelas forças do Estado do Ceará, na época presidido por Franco Rabelo. O Padre resistiu com seus romeiros. A população local e visitantes construíram em torno de sua memória uma das cidades mais prósperas do Nordeste.

Enquanto o milagre foi atribuído ao Pe. Cícero que doravante foi considerado santo pela população pobre do Nordeste, Maria de Araújo, a co-protagonista do milagre foi sendo continuamente perseguida pela Igreja, que não desejava a propagação da memória e possibilidade de culto a uma mulher negra, pobre, do sertão nordestino.

Se é certo que “todo conhecimento é autoconhecimento, também todo desconhecimento é auto-desconhecimento” (SANTOS, 1998, p. 58), as romarias foram proibidas pela Igreja. A Capela de Nossa Senhora das Dores, onde ocorreu o sangramento pela primeira vez, foi fechada durante 20 anos e os padres foram obrigados a silenciar diante dos acontecimentos da beata. Após morte e sepultamento seu túmulo, construído na Capela do Socorro pelo Padre Cícero, foi demolido. Seu nome condenado ao esquecimento (CORDEIRO; OLINDA, 2018). Os panos ensanguentados foram incinerados. Sua memória foi quase eliminada da história oficial. Até que a partir do final dos anos 1990, iniciaram-se investigações sobre o papel da beata na história social e seu lugar na memória.

Recentemente passou-se a entender que as teorizações feministas, incluindo a interseccionalidade, e pós-coloniais são suportes indispensáveis para a explicação das razões que geraram e que perpetuaram o silenciamento sobre a beata. Diversos trabalhos publicados discutem a “questão religiosa” de Juazeiro do Norte lançando luzes sobre a religiosidade popular, tirando a memória da Beata Maria de Araújo da obscuridade, destacando a resistência popular em sua devoção e na manutenção das romarias tradicionais a despeito dos preconceitos elitistas do clero e da classe dominante, que enquadram a religiosidade popular numa cosmovisão mítica, como fruto de hibridização entre as tradições indígenas, africanas e luso, em sinal de atraso e de fanatismo (CORDEIRO; OLINDA, 2018).



José Lourenço Gomes da Silva, “Beato José Lourenço” – Foto: Acervo dos autores

O outro personagem discípulo do Padre Cícero, Beato José Lourenço era filho de pessoas africanas que foram escravizadas no Brasil. Ele foi responsável pelo surgimento de três comunidades de trabalhadores rurais no sertão nordestino. Era um ecologista prático. O Beato José Lourenço e seus adeptos construíram comunidades nas quais as dimensões econômica e política da vida social se baseavam, de fato, nos interesses coletivos; onde sonhos eram realizados e todos ganhavam, inclusive a terra que de deserto tornou-se jardim, campo de cereais, pomar e santuário. Nas comunidades que fez surgir, implantou técnicas agrícolas hoje reconhecidas como agroecológicas, além de tecnologias de bioconstrução. Das comunidades que fundou, a de maior destaque foi o Caldeirão. Lá havia um exemplo de equilíbrio: entre a teoria - espiritualidade, e a prática - produção de sobrevivência; e entre o indivíduo, comunidade e o ambiente. Suas práticas religiosas se afastavam dos produtos impostos pela hierarquia religiosa hegemônica, e, pareciam desafiar as estruturas de dominação, subvertendo a reprodução de contextos

sociais. A religiosidade aparentemente irracional de pessoas ingênuas tornava-se meio de libertação de formas de opressão e exploração. Assim, as narrativas dos remanescentes do Caldeirão informam que aquela era uma comunidade igualitária e uma irmandade solidária. Lá a fé num paraíso pós-morte já começava a se mostrar em vida. Aquelas gentes alimentavam-se, vestiam-se, abrigavam-se e amavam-se com autonomia parceira (CORDEIRO, 2013).

A trajetória de vida de José Lourenço foi marcada por muitas jornadas que levavam a um só destino: criar comunidades e reconstruí-las após ataques militares.

A manifestação diferenciada de convivência grupal e práticas religiosas daquele povo mestiço (não-branco), tradicional (não moderno) e cooperativo (comunista - não capitalista) deixou de ser incorporada como forma de reprodução do poder vigente. Aquele modo de vida foi interpretado como uma ameaça a Igreja, ao latifúndio e ao Estado. O crescimento da comunidade teria incomodado a Igreja porque a Diocese do Crato não conseguia tantas almas apaixonadas como tinha conseguido o Pe. Cícero em Juazeiro do Norte, nem tantos devotos fervorosos como o Beato José Lourenço, discípulo daquele, no Caldeirão. Porém, aquela clientela não tinha capital financeiro nem social, não sendo assim prioridade para as elites religiosas buscarem trazê-la para seu “rebanho”. Por outro lado, com sua força de trabalho, o Caldeirão iria incomodar os coronéis, que perdiam o seu exército de reserva de mão-de-obra para aquele éden matuto. Por fim, havia um temor disseminado no Governo que em Caldeirão fosse organizada uma luta armada, e não houve tolerância, interesse nem

habilidade em uma negociação por parte dos poderes vigentes (CORDEIRO, 2013).



Pessoas do Caldeirão presas durante invasão policial em 1936 – Foto: Acervo dos autores

Antecedente ao extermínio da comunidade os jornais criavam um espectro de violência cujos protagonistas seriam o povo do Caldeirão: “Usam os penitentes do Beato José Lourenço, sem exceção, homens, mulheres e crianças, ordinária roupa preta, tinta com lama, que exala insuportável mau cheiro. Quase todos possuem uma espingarda de caça, garrunchas e alguns revólveres.” [...] “Não é possível ocultar o perigo que acomete este ajuntamento selvagem em lugar (sic.) deserto e despolicado como a Serra do Araripe, não sendo de estranhar que dentro em breve surjam roubos e tropelias outras praticadas por aquele bando de inconscientes de quase mil indivíduos, atualmente vagabundos e ociosos. Por isto julgamos prestar grande serviço à nossa terra dando notícia dentro das fronteiras do nosso município desse cancro social ...” (O POVO, 12-05-1937, p. 1-8).

O ataque à comunidade se deu em três momentos durante o Estado Novo. Em 11 de setembro de 1936 o Caldeirão foi cercado por forças militares, as pessoas presas, torturadas, parte delas enviadas à prisão no Departamento de Ordem Política e Social - DOPS de Fortaleza, outras fugiram dispersadas. Construções

foram incendiadas, os bens saqueados. Em 11 de maio de 1937 começou o massacre por terra e por ar de remanescentes e agricultores habitantes na Chapada do Araripe. Em 1940, o beato foi desapropriado jurídica e definitivamente, sem indenização, das terras do Caldeirão numa ação movida pelos padres salesianos.

Considerações inconclusas

Há conteúdos de “raiz” que podem ser tomados como parâmetros de referência nas abordagens educativas ambientais voltadas para o bem estar coletivo e para a sustentabilidade ambiental. Tais conteúdos encontram-se em repertórios memoriais na forma de ensinamentos ecológicos autóctones, tradicionais, locais, que incentivam o zelo pelo ambiente natural e pelo habitat humano de modo igual, na lógica da equidade nas relações sociais, ecológicas, ambientais. A luz dessas memórias ilumina abundantemente possibilidades para ampliar as perspectivas da educação ambiental.

Tendo como inspiração os líderes beatos de movimentos de trabalhadores rurais sugerimos que há nas memórias coletivas de grupos populares e tradicionais um imenso repositório de conteúdos autóctones que compreendem leituras de mundos, modos de vida, formas de interação e tecnologias, na ação de grupos ideologicamente e espiritualmente coesos. Tais grupos que se constituíram sem ter que necessariamente portar formação intelectual no sentido acadêmico clássico, mas ao contrário, com fortes valores humanitários e ambientais presentes, desenvolveram ações práticas interativas e experiências de reconexão inspiradoras, realizando a cabo e ao fim intervenções no coletivo que participavam de maneira sustentável em

termos humanos, sociais, ecológicos, portanto ambientais.

Nas especificidades das memórias, tal qual sugerido na obra freireana (FREIRE, 2000), ilustramos a ênfase na capacidade ontológica própria do ser humano em ser mais e superar situações limites na direção de sonhos possíveis. Nesse âmbito se destaca a necessidade de reflexões-ações ambientais que incluam a realidade local de modo dialógico e eco-relacionado (FIGUEIREDO, 2007).

Uma luz, na direção de caminhos eco-relacionados ou da ecopraxis, busca uma relação equilibrada e solidária do ser humano com ele mesmo, com o(a) outro(a), com a sociedade e com a natureza, da qual ele faz parte, na teia das relações inter-relacionadas e interatuantes.

A inspiração na história da atuação de grandes mestres do povo brasileiro, que inflamaram todas as suas esperanças e queimaram suas vidas nas chamas de suas crenças, decorrentes de registros memoriais de seus contemporâneos e remanescentes, remetem a um bem viver compartilhado. O bem-estar, individual/coletivo, integrado ao meio ambiente como um todo fazia-se recorrente no conteúdo das memórias de remanescentes entrevistados.

É possível perceber no caminho dos beatos um trabalho para humanização das pessoas e um zelo para com a natureza. Quando se sente bem-estar na realização das verdadeiras necessidades, fazemos a vida simples e boa. Sem negligenciar o fato de que na formação social brasileira a maioria da população, em especial na periferia das grandes cidades e no interior nordestino e nortista, carece de saúde, de educação, de moradia, de trabalho etc., pode-se constatar que o bem-estar individual e

coletivo, provindo de relações equânimes, e do convívio com um meio ambiente natural/humano equilibrado está em alto patamar de necessidades básicas. Na ocorrência daquelas comunidades, o bem-estar social ganha a dimensão espiritual abrangendo o sentido amplo de ser humano. O que nos leva a inferir que, para além das leituras de mundo e modos de vida eurocêntricos, a hipótese de uma sociedade inclusiva passa por um humanismo que valoriza a vida em todas as suas formas, realizado em práticas ecológicas integrais ou, em outras palavras, autóctones e eco-relacionais.

A respeito da indagação inicial sobre conteúdos educativos ambientais para a atuação de docentes e discentes da Educação Básica que digam respeito à formação social a que eles pertencem, pode-se intuir que a reconexão consigo mesmo(a) como parte de um todo abrangente por meio de uma ecologia integral, leva cada um(a) a perceber seu lugar na comunidade de destino que faz parte.

Referências

- AZZI, Riolando. As Romarias de Juazeiro: catolicismo luso-brasileiro versus catolicismo romanizado. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O PADRE CÍCERO E OS ROMEIROS DE JUAZEIRO DO NORTE, 1., 1988, Juazeiro do Norte. *Anais...* Fortaleza: URCA, 1990. P. 111-137.
- CORDEIRO, D. S. *Narradores do Padre Cícero*: muito mais a contar. Fortaleza: Expressão, 2011.
- CORDEIRO, D. S. *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*. Goiânia: Kelps; Mundo das Ideias, 2013.
- DELLA CAVA, R. *Milagre em Juazeiro*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DUMOULIN, A. *Padre Cícero: santo da Igreja e santo do povo*. São Paulo: Paulinas, 2017.

EM NOME de Padre Cícero. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Em-nome-de-Padre-Cicero/Noticia-18-jul-2014>. Acesso em 15 jun. 2018.

FALA A O Povo o Sr. Chefe de Polícia. **O Povo**. Fortaleza, 12-05-1937. Páginas 1 - 08.

FIGUEIREDO, J. B. **Educação ambiental dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: UFC, 2007.

_____. Paulo Freire e a descolonialidade do saber e do ser. In: FIGUEIREDO, J.B.; SILVA, M.E.H. (Org.). **Formação humana e dialógica III: encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire**. Fortaleza: UFC, 2012. P. 66-88.

_____. As contribuições de Paulo Freire para uma educação ambiental dialógica. REUNIÃO ANUAL DA ANPED; EDUCAÇÃO, CULTURA E CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E COMPROMISSOS, 29., 2006, Caxambu. *Anais...*: Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT22-2184--Int.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

FORTI, M. C. P. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre**. São Paulo: Annablume, 1999.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GAJARDO, M. **Ivan Illich**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

HOORNAERT, E. **Crônica das casas de caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. São Paulo: Loyola, 1981.

MACHADO, P. P. O Profeta João Maria e as concentrações camponesas no Brasil. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA; CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 27., 2013, Natal. *Anais...* Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364625272_ARQUIVO_OprofetaJoaoMari_aeasconcentraoescamponesasBrasil.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.

OLINDA, E.M.B.; CORDEIRO, M.P.J. A Beata Maria de Araújo nos Simpósios Internacionais sobre o Padre Cícero: traços de uma protagonista invisibilizada. **Revista Reflexão**, v. 43, n. 1. Campinas, PUC, 2018. ISSN 2447-6803 (eletrônico). No prelo.

PAZ, R. M. **As beatas do Padre Cícero: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte.** Juazeiro do Norte: IPESC/URCA, 1998.

PEIXOTO, A. **Joazeiro do Cariry.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 10. ed. Porto: Ed. Afrontamento, 1988.

_____. Para além do pensamento abissal... In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época.**

Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Ediciones Abya-Yala, 2009.

_____. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**, v. XIX, n. 48, mayo - agosto de 2007. Disponível em: http://www.Flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/126590965_4.interculturalidad_Colonialidad_y_educacion_0.pdf. Acesso em: 03 abr. 2018.

Recebido em 2018-06-20
Publicado em 2018-08-07